

Adventismo e literatura: a histórica tensão sobre o valor educacional dos contos infantis

Adventism and literature: the historical tension about the educational value of infant storytelling

Vanessa Raquel de Almeida Meira¹

Resumo:

Este artigo fará, através de uma pesquisa bibliográfica, uma avaliação do uso dos contos infantis na educação de crianças numa perspectiva adventista. Os adventistas têm, historicamente, mantido uma postura resguardada e extremamente cautelosa com relação aos contos infantis, especialmente os contos de fadas. O principal motivo dessa resistência é a interpretação de alguns textos de Ellen White, pioneira do movimento adventista e voz importante na pedagogia adventista.

Palavras-chave: Educação adventista. Ellen G. White. Ficção. Contos de fadas.

Abstract:

This article will, through a bibliographical research, make an evaluation of the use of children's stories in the education of children from an Adventist perspective. Adventists have historically maintained an extremely cautious approach to children's tales, especially fairy tales. The main reason for this resistance is the interpretation of some texts written by Ellen White, a pioneer of the Adventist movement and an important voice in Adventist pedagogy.

Keywords: Adventist education. Ellen G. White. Fiction. Fairy tales.

¹ Doutoranda em Teologia (EST-RS). E-mail: vanessarmeira@gmail.com

Introdução

Uma pesquisa sobre o uso de obras de ficção em instituições educacionais adventistas revelou que esse é um tema historicamente controverso, mesmo entre professores/professoras de literatura (McGarrell, 2002, p. 22-27). Outro levantamento, mais recente (Silva; Silveira, 2016), apontou que a *Revista Adventista*, periódico oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) brasileira, frequentemente fez referência negativa às obras de ficção. Os adventistas demonstram alguma resistência ao uso de obras de ficção,¹ e o principal motivo é o senso comum de que Ellen White, pioneira e profetisa do movimento adventista, teria sido contra o uso desse tipo de leitura.²

De fato, Ellen White (1990, p. 411) demonstrou preocupação com o que as crianças liam: “As crianças necessitam de leitura apropriada que lhes proveja divertimento e recreação e não perverta a mente nem enfraqueça o corpo”. Ela escreveu fortes alertas específicos contra o uso de “contos de ficção” (White, 2000, p. 136), “contos frívolos e empolgantes” (White, 2000, p. 134), pois, para ela, “os leitores de ficção estão tolerando um mal que destrói a espiritualidade, obscurecendo a beleza das sagradas letras” (White, 1990, p. 412).

A citação de Ellen White mais claramente contrária ao uso de contos de fadas é a seguinte:

Na educação das crianças e dos jovens dá-se agora importante lugar aos contos de fadas, mitos e histórias imaginárias. Usam-se nas escolas livros desta natureza, e encontram-se também os mesmos em muitos lares. Como podem pais cristãos permitir que seus filhos usem livros tão cheios de mentiras? Quando as crianças pedem a explicação de histórias tão contrárias aos ensinamentos recebidos de seus pais, a resposta é que essas histórias não são verdadeiras; mas isto não dissipa os maus resultados do uso das mesmas. As ideias apresentadas nesses livros desencaminham as crianças. Comunicam falsas ideias da vida, suscitando e nutrindo o desejo pelo irreal. [...] Nunca devem ser colocado nas mãos da infância e da juventude livros que contenham uma perversão da verdade. Não permitamos que nossos filhos, no próprio processo de adquirir educação, recebam ideias que se demonstrarão sementes de pecado (White, 2000, p. 384-385).

Diversos pesquisadores se dedicaram a estudar as declarações de Ellen White no contexto em que foram escritas, prestando atenção ao tempo, lugar e às circunstâncias em que elas foram feitas.³ Como veremos neste artigo, a conclusão desses pesquisadores, em geral, é que Ellen White estava se referindo a um tipo de literatura de ficção sensacionalista, violenta e imoral, que fazia grande sucesso em sua época,

e na qual predominava uma visão de mundo superficial, estereotipada, e considerada prejudicial de acordo com os princípios adventistas (Waller, 1974).

1. Ellen White era absolutamente contra o uso de contos infantis?

Entre 1877 e 1878, Ellen White organizou uma coletânea de histórias infantis, intitulada *Sabbath readings for the home circle*. Nessa compilação, Ellen White incluiu várias histórias que poderiam ser consideradas tecnicamente como ficção, de autores como Hans Christian Andersen e Harriet Beecher Stowe (Fortin; Moon, 2013, p. 944).⁴

A propaganda do livro *Sabbath readings for the home circle*, feita através do periódico oficial da IASD, informava que Ellen White havia coletado essas histórias a partir de leituras de obras destinadas às crianças (Torres, 2013, p. 156-157). Ou seja, Ellen White leu várias obras de ficção e contos infantis para fazer um *clipping* destinado às crianças adventistas. Além disso, ela recomendava a leitura de *O peregrino*, de John Bunyan, uma importante obra de ficção (White, 2005, p. 252). Essas são evidências de que Ellen White não condenou absolutamente todos os tipos de histórias.

Assim, quem se propõe a estudar esse tema na perspectiva adventista deve harmonizar o fato de que Ellen White usou e recomendou obras de ficção em alguns de seus textos, enquanto condenou a ficção em outros textos. Moncrieff (1996, p. 11) afirma que “uma condenação em massa do gênero [ficção] contradiria sua própria prática”. Apenas uma leitura fragmentada e descontextualizada dos escritos de Ellen White pode levar à conclusão de que ela rejeita todo e qualquer tipo de ficção.

Wood (1976, p. 16-24) demonstrou que, ao falar contra a ficção, Ellen White estava se referindo a um tipo de literatura de pouco valor que era veiculada em sua época, e não tanto à distinção entre narrativas factuais e fictícias. E essa preocupação com a literatura de baixa qualidade moral era compartilhada com outros escritores da época de Ellen White (Mott, 1947, p. 122).⁵

Clouten (2014, p. 10-14) concluiu que não há razões para esperarmos que Ellen White fosse menos contundente em sua avaliação dos riscos da leitura frívola do que os pensadores de sua época, e que Ellen White não usava o conceito técnico de ficção como um critério para escolher obras para a leitura.

Em 1971, a IASD mundial publicou *Guide to the Teaching of Literature in Seventh-day Adventist Schools*, um documento com diretrizes para o ensino de literatura, com as seguintes recomendações: usar arte séria; evitar sensacionalismo e sentimentalismo; evitar linguagem obscena ou profana; evitar tornar o mal desejável ou o bem trivial; evitar leitura superficial ou frívola; e contemplar a maturidade do indivíduo (IASD, 1971).

Conforme esse documento de 1971, a *ficção* que Ellen White rejeitava era a literatura sentimental, sensacionalista, erótica, profana, vulgar, violenta e escapista, que viciaria e comprometeria a devoção pessoal, consumindo tempo excessivo, sem inculcar valores. Por outro lado, o documento reconhece que Ellen White incentiva o uso de literatura não factual (ficção), que ensine lições morais e religiosas, que defenda uma moralidade sadia, que respire um espírito de devoção, ternura e piedade. Analisando o problema numa perspectiva adventista, Torres (2013, p. 160-161) argumenta que:

Devemos valorizar as obras de ficção que contribuam para uma maior percepção da realidade e para a expressão mais bela e profunda dos grandes anseios humanos. A Bíblia contém trechos de ficção literária como, por exemplo, o apólogo de Jotão, em Juízes 9:7-15, e, na parábola do rico e Lázaro (Lc 16:19-31), até mesmo Jesus fez uso de ficção. Além disso, a parábola do joio e do trigo (Mt 13:24-30) sugere que nem tudo na vida pode ser tratado como uma questão de completo rompimento com as dimensões mais contundentes da realidade. Em vez disso, é preciso entender que há aspectos na existência humana com os quais é preciso lidar de forma gradiente. A literatura contribui para o amadurecimento de nossa visão de mundo”.

Velez-Sepulveda (1993) lista alguns motivos para os adventistas continuarem usando a ficção moderna. A primeira razão é que a ficção é parte inevitável dos estudos literários e dos currículos universitários. Além disso, a ficção auxilia o/a leitor(a) a ver outros aspectos da vida indiretamente, levando-o a participar de experiências que não foram vividas pessoalmente, aprendendo com as experiências de outros. E, através do uso da ficção, podemos explorar as grandes questões filosóficas da existência humana. Velez-Sepulveda (1993) apenas alerta que “esta experiência vicária deve ser conduzida corretamente por um indivíduo experiente com moral e valores cristãos, ou pode levar a consequências indesejáveis”.⁶

A relação dos adventistas com os contos infantis é curiosa. Apesar de apresentarem alguma reserva com relação ao uso dos contos de fadas populares, os adventistas mantêm diversas iniciativas que usam histórias imaginativas para o público

infantil: a revista *Nosso Amiguinho*, o programa da *Tia Cecéu* (TV Novo Tempo), o DVD e canal no Youtube *Minha vida é uma viagem*, dentre outros materiais produzidos pela própria IASD.⁷

Um texto de Ellen White (2006, p. 445) traz uma declaração que tem recebido pouca atenção: “Há obras de ficção que foram escritas com o objetivo de ensinar verdades ou expor algum grande mal. Algumas dessas obras têm feito bem”. Ou seja, existem exceções, não há uma generalização.

Respondendo a uma pergunta sobre *As crônicas de Nárnia*, William Fagal (2002), diretor do *Ellen G. White Estate* (o depositário oficial do patrimônio literário de Ellen White) à época, escreveu que ele mesmo tinha lido alguns livros de C. S. Lewis, e que achou tais livros uma representação simbólico-alegórica de uma visão de mundo cristã muito sólida. Para Fagal, a obra de Lewis não é uma história de ficção contada por mero entretenimento, mas assemelha-se à alegoria de John Bunyan, em *O peregrino*, ensinando verdades cristãs através de símbolos e figuras, livro que foi recomendado por Ellen White (2005, p. 252).

Lewis escreveu “uma grande parábola protagonizada por seres humanos com a intenção de comunicar por caminhos diretos ou simbólicos uma lição ética” (Gregersen, 2006, p. 15). Cristo também utilizou a linguagem das parábolas para ensinar as pessoas (Mateus 13:34; Marcos 4:2, 33). Além disso, a Bíblia como um todo, através de diversos gêneros literários, tem a intenção de comunicar princípios éticos, morais e espirituais (Êxodo 20:1-17; Deuteronômio 5:6-21). E Ellen White (2002, p. 54) recomenda o uso educativo da Bíblia como uma narrativa histórica:

A Bíblia é a mais vasta e mais instrutiva história que os homens possuem. Ela veio pura da fonte da verdade eterna, e uma divina mão preservou sua pureza através dos séculos. [...] Só na Palavra de Deus encontramos um relato autêntico da criação. Nela contemplamos o poder que lançou os fundamentos da Terra e estendeu os céus. Somente aí podemos encontrar a história de nossa raça, não contaminada pelo preconceito ou orgulho humano. [...] Se a moralidade e a religião devem existir em uma escola, isso tem de ser estabelecido por meio do conhecimento da Palavra de Deus.

Entre os/as adventistas, há uma noção generalizada de que os *fairy tales*, contos de fadas, não estão de acordo com a filosofia da Educação Adventista. No entanto, como ocorreu com o tema da “ficção” em geral, os adventistas precisam avaliar especificamente as narrativas do tipo “contos de fada” de uma maneira mais profunda e contextualizada.

Falando sobre *As crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, Swanson (2005), um líder da IASD, afirma que:

Um conto de fadas é uma maneira culturalmente universal de explorar essa parte da existência humana que transcende o literal e o cotidiano. Vivemos em uma existência natural e uma existência sobrenatural, e esse uso de nossa imaginação dado por Deus expressa as preocupações mais profundas e as mais altas esperanças de crianças e adultos.

C. S. Lewis (2003, p. 60-61) acreditava que há “um tipo particular de história que tem um valor por si próprio, um valor independente de qualquer contexto literário que surja”. Daí, concluímos que o conteúdo de uma história é mais importante do que a forma como ela é contada: se uma história é boa, ela atrairá os/as ouvintes/leitores/leitoras em qualquer gênero literário. Em suma, é a própria história que deve ser avaliada primeiramente, e não o seu gênero literário.

Essa é a mesma conclusão de vários pesquisadores adventistas (Moncrieff, 1996, p. 11), para os quais o problema não é um gênero literário *per se*, pois o gênero é moralmente neutro. As obras individuais devem ser julgadas individualmente, caso por caso, em qualquer gênero (Snider, 1951, p. 300-309).

2. Por que usar os contos na educação religiosa?

A arte de contar histórias nos tempos mais remotos, era uma forma de comunicação que tinha a função primeira de rememorar e não deixar que a geração atual se esquecesse da história de seu povo. Assim, valores eram repassados, definia-se o que era moralmente aceitável e por muito tempo a oralidade foi a forma predominante de transmissão de conhecimento em muitas sociedades na história humana. “Histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade” (Busatto, 2006, p. 17).

Sendo assim, o resgate e a manutenção da memória identitária de uma comunidade e a transmissão de valores morais/religiosos é uma das grandes funções da arte de contar histórias. Mas cada ouvinte é único. Cada pessoa traz dentro de si uma bagagem e a história contada certamente tem um impacto diferente em cada ouvinte.

James Elroy Flecker disse que “não cabe ao poeta salvar as almas dos homens, mas cabe-lhe torná-las dignas de salvação” (Flecker *apud* Yancey, 2005, p. 15), e

assim acontece com as histórias direcionadas às crianças. Além de transportá-la para um mundo fantástico onde todas as coisas são possíveis, as histórias ajudam a criança a encontrar recurso para problemas ocultos que ela não sabe sequer definir.

Walter Wangerin Jr (2005, p. 146) conta que em sua infância ele mergulhava nos contos, vivia a experiência até o fim, até o final feliz e colocava em prática “as soluções da imaginação”. As histórias têm um grande valor para a coletividade mas para o ser humano em sua individualidade ela pode, desde muito cedo, ser o *ringue* onde grandes lutas pessoais são travadas.

Apesar de não serem fictícias (e serem consideradas pelos cristãos como divinamente inspiradas), as histórias bíblicas, e especialmente a história de Cristo, também são absolutamente pertinentes para as crianças e ajudam na construção do caráter dos pequenos. White (2008, p. 358-359) diz:

Vamos repetir para eles a doce história de Belém, mostrando-lhes como Jesus foi filho obediente aos pais, como foi jovem fiel e diligente, ajudando a prover o sustento da família. Desse modo lhes podemos dar a entender também que o Salvador conhece as provações, dificuldades e tentações, esperanças e alegrias da mocidade, estando por isso em condição de lhes dar simpatia e apoio. De quando em quando, devemos ler para eles as interessantes histórias contidas na Bíblia.

2.1 Histórias bíblicas e histórias clássicas

Enganamo-nos quando pensamos que os/as heróis/heroínas infantis estão apenas em histórias clássicas fictícias ou em desenhos animados contemporâneos. Sansão, Davi, Daniel e outros heróis bíblicos são personagens com os quais as crianças imediatamente se identificam. Além das histórias clássicas, as histórias bíblicas também trazem uma inesgotável fonte de princípios e de fé, de acordo com White (2000, p. 181):

Dentre tudo que os homens já escreveram, onde se poderá achar algo que de tal maneira se apodere do coração, algo tão bem adaptado a despertar o interesse dos pequeninos, como nas histórias da Bíblia? Nestas singelas histórias, podem-se explanar os grandes princípios da lei de Deus.

As histórias clássicas são recheadas de histórias românticas de princesas e heroínas, e, segundo White (1984, p. 9): “As Escrituras contêm ternas histórias de amor, tais como a de Jacó e Raquel e a comovente história de Rute, a moabita, que através de seu casamento com Boaz tornou-se um elo na genealogia do Messias”.

Ellen White (2005, p. 626) usa as expressões *herói* e *heróis* quase sempre para fazer referência aos personagens bíblicos e personagens da história do cristianismo. São os “heróis da fé” (White, 1999, p. 43), os “antigos heróis” (White, 2009, p. 374). Ela chama o apóstolo Paulo de “herói da cruz” (White, 1999, p. 185), e o apóstolo João de “herói cristão” (White, 2001, p. 45). Por outro lado, ela identifica Barrabás como um “endurecido e consumado vilão” (White, 2007, p. 518), e os que zombaram de Cristo na cruz como “insensíveis vilões” (White, 2013, p. 207).

Portanto, as narrativas infantis em geral, sejam as adaptações das narrativas bíblicas ou os contos seculares, são de uma riqueza imensurável tanto para o coletivo quanto para a individualidade, e elas fazem eco na vida adulta: “os contos de fadas moram no adulto”, mas na infância eles são “uma casa bem construída, segura, forte e cheia de significados” na qual as crianças moram (Wangerin Jr, 2005, p. 146). Lá os problemas exteriores não desaparecem quando se entra, mas os muros da casa as protegem dos perigos imediatos.

E neste ambiente fantástico - onde todas as soluções podem parecer “mágicas”, mas não são fáceis - as crianças encontram espaço para o desenvolvimento do intangível, da esperança, da fé, da resiliência e se tornam, elas mesmas heróis e heroínas de suas próprias histórias.

2.2 Histórias infantis e o despertar da espiritualidade

O despertar da espiritualidade da criança acontece exatamente no fantástico mundo das narrativas. É ali que ela começa a questionar a respeito de realidades suprassensíveis. Os contos infantis tratam com leveza assuntos densos, abrindo espaços para discussões metafísicas, como a morte, a morada de Deus, alma/espírito.

Remí Klein usa o exemplo de uma discussão em sala envolvendo crianças de 4º ano. O texto usado em sala é de Ziraldo: *Menina Nina. Duas razões para não chorar*. As crianças formularam perguntas baseadas na história que haviam acabado de ouvir, e no momento da discussão “elas não estão mais falando sobre a morte da vovó Vivi e os sentimentos da menina Nina, mas passam a falar de si e de suas histórias de vida” (Klein, 2013, p. 324). A história despertou no ouvinte o desejo de falar sobre *sua própria* vivência, “porque as estórias têm o poder mágico de mexer fundo dentro da alma, atingindo os lugares onde os risos, as lágrimas e as fúrias se aninham” (Alves, 1982, p. 134).

Um outro bom exemplo é a história de Andersen, *A pequena vendedora de fósforos*, através da qual a criança pode exercitar sua empatia com a tocante história da pobre menina que vendia fósforos em plena noite gélida de Natal. É uma história profunda, que traz crítica social (afinal de contas, com quantas meninas *vendedoras de fósforos* nos deparamos diariamente, não é?), e que, ao final, oferece à criança a possibilidade de refletir a respeito da morte:

Os fósforos chamejaram com tanto vigor que de repente ficou mais claro que a clara luz do dia. Nunca sua avó parecera tão alta e bonita. Ela tomou a menina nos braços e juntas as duas voaram em esplendor e alegria, cada vez mais alto, acima da terra, para onde não há frio, nem fome, nem dor. Estavam com Deus (Borges, 2010, p. 112-113).

A frase “estavam com Deus” coloca fim ao sofrimento da pequena vendedora de fósforos, mas dá início ao sofrimento do(a) ouvinte/leitor(a). A criança se depara com a dura realidade humana: a finitude. Mas apesar de estar descrevendo a morte da menina, Andersen fala de alegria. Ora, se a morte é o fim de tudo, porque a menina estaria alegre? A resposta é ainda: Estavam com Deus. A riqueza das histórias infantis vai além do desenvolvimento moral, ela traz a inquietude de querer saber se há algo mais além do que se pode ver, se há e onde está o transcendente. Sobre o despertar da criança a respeito de Deus, a família tem papel muito importante:

A fé é um dom de Deus e o ambiente familiar pode contribuir, em muito, para o despertar e o desenvolver da fé. [...] A fé nasce e evolui. Até os três anos a criança prepara-se para despertar para Deus, observando atitudes e os exemplos da fé dos pais. Aos poucos, estimuladas pelos pais, a criança conversa com Deus e começa a admirar as coisas que ele criou (IECLB, 1979, p. 27).

As histórias infantis oportunizam momentos de troca e construção a respeito da fé e da religiosidade da criança. Ouvir histórias, e ser ouvido acerca das impressões que essas histórias causaram, deixa marcas positivas nas emoções das crianças - expressar suas ideias e emoções é de extrema importância, pois a “oralidade é um instrumento adequado e oferece a possibilidade de protagonismo, na medida em que permite que se expressem e sejam ouvidos” (Streck, 2015, p. 176). A imagem que a criança tem de Deus faz ligação direta com o que ela vivencia em casa, com a experiência religiosa vivida em família, é a união do que ela imagina com o que ela ouve dizer.

As histórias infantis, bíblicas ou clássicas, além de contribuírem para o desenvolvimento moral das crianças, como já foi dito, também levantam assuntos relativos à espiritualidade. Andersen, por exemplo, era um autor que não escrevia apenas para crianças, pois ao se utilizar da fantasia, tratava de comportamentos que fossem moralmente adequados à situação social de sua época, refletia em suas obras os conflitos derivados das relações de poder, manifestava sua crença de que a igualdade de direitos deveria prevalecer nas relações humanas e sempre revelava sua intensa espiritualidade. Wangerin Jr. (2005, p. 151) demonstra sua completa admiração e influência no despertar de sua espiritualidade quando diz:

Andersen me proporcionou um contexto para coisas intangíveis, desconcertantes, elementares e urgentes. Sem fazer apologias, ele estruturou o seu mundo usando coisas de valor espiritual: as consequências eternas de ações boas ou más, a presença de Deus como juiz benevolente, a realidade efetiva do arrependimento, o maravilhoso poder do perdão divino.

Um conto de Andersen curioso e que trata de assuntos absolutamente relacionados à espiritualidade se chama *Os sapatinhos vermelhos*, um conto pouco explorado em nossa cultura, e é muito fácil compreendermos o motivo: além de ter um tom sombrio, ele expõe muito duramente o conceito cristão de pecado. Mas ao tratar abertamente do conceito de pecado, a narrativa também traz a importância do perdão. Este é um texto rico que expõe a vaidade do ouvinte/leitor, indo direto ao assunto. Wangerin Jr. (2005, p. 158) diz que “o conto tem um título inocente, o que é enganoso. É assustador. Ele conhece bem demais minhas falhas secretas e a perversa fantasia dos pensamentos do meu coração”.

O fato do pai de Andersen ser sapateiro (apesar de ser um homem letrado) talvez tenha tornado esse texto muito significativo para o autor (Mutran, 2004, p. 194). A identificação com a protagonista, Karen, é sempre imediata. A menina é adotada por uma rica idosa, após a morte de sua mãe e cresce vã e mimada. Antes de sua adoção o sonho de Karen era possuir um par de sapatos vermelhos; agora ela pede para sua mãe adotiva que lhe compre um par de sapatos vermelhos brilhantes e chamativos. Depois de Karen repetidamente usá-los para ir à igreja, eles começam a se mover por si mesmo e ela se torna incapaz de tirá-los. Karen é vaidosa e egoísta assim como são todos os seres humanos, mais especialmente como são as crianças em sua fase egocêntrica. Wangerin Jr. (2005, p. 159) se identifica: “Eu sou Karen, entregando-me ao pecado até ele me dominar completamente – e mesmo quando eu

quero parar, não consigo”. A narrativa traz à tona a dor de magoar a mãe por só pensar em si mesmo, se entregando completamente à aquilo que traz prazer.

Ao final da história, Karen se encontra com um carrasco e lhe suplica: “— Não me corte a cabeça! – chorou Karen. — Se você fizer isso eu não poderei me arrepender. Mas vá em frente e corte meus pés com os sapatos vermelhos” (Queiroz; Avila, 2013, p. 126). A menina queria se arrepender. As crianças parecem não compreender muito bem o princípio do arrependimento e a razão de sua importância, afinal é um conceito muito abstrato, porém, a dor de Karen encontra eco no coração infantil.

Através de Karen, Wangerin Jr. (2005, p. 159) conseguiu revelar sua dor de criança ao ofender de alguma forma sua mãe: “Ah! Mamãe! Nunca mais! Eu fiz esse voto em meu coração: Nunca mais! Mas meus demônios sempre foram fortes demais pra mim e eu caí de novo, apesar de todas as resoluções. Eu sou Karen [...]”.

A criança não deseja magoar seus pais, mas o fazem repetidamente e isso causa-lhes dor. Talvez não saibam nomear o sentimento, mas o arrependimento e o desejo de não deixar sua natureza dominar existe no pequeno coração infantil. A história de Karen fala de arrependimento e perdão, e finaliza com a redenção de Karen:

Num clarão de luz solar, apareceu-lhe o mesmo anjo de roupagem branca que vira na porta da igreja. Na mão onde antes ele segurava uma espada afiada agora havia um lindo ramo verde, repleto de rosas. Tocou o teto com o ramo, que se elevou em abóbada, onde brilhava uma estrela dourada. [...] O órgão começou a soar e doce era o coro das crianças. Um raio de sol dourado e cálido entrou pela janela e iluminou o banco onde Karen estava sentada. Também seu coração se preencheu de sol, de paz e alegria. Sua alma pairou pelos raios até Deus e nunca mais ninguém perguntou pelos sapatinhos vermelhos (Queiroz; Avila, 2013, p. 128-129).

3. Histórias infantis e o desenvolvimento moral

Para Bettelheim, arrependimento e perdão também são assuntos pertinentes à infância. Nesse período, existe uma luta entre a natureza humana e o que a criança aprende ser moral e correto:

Nas idades posteriores edípica e pós-edípica, esta divisão se estende à própria criança. Ela, como todos nós, está a todo momento num tumulto de sentimentos contraditórios. Mas enquanto que os adultos aprenderam a integrá-los, a criança é esmagada por estas ambivalências dentro de si mesma. Experimenta a mistura de amor e ódio, desejo e medo dentro de si mesma como um caos incompreensível. Não

pode-se orientar sentindo-se num só e mesmo momento boa e obediente, má e rebelde, embora o seja (Bettelheim, 2002, p. 78).

O perdão é um assunto recorrente nas histórias infantis, e a construção do conceito de arrependimento e perdão é algo que transcende o material e palpável, para as crianças são assuntos de grande apelo religioso. A dor de magoar um dos pais, ou cuidadores, no futuro é transferida para a imagem que se tenha construído de Deus. A criança que tem oportunidade de elaborar esses conceitos mais cedo, por meio da ludicidade das histórias infantis consegue assimilar melhor conceitos religiosos tão profundos e complexos. C.S Lewis (2005, p. 416), em *As crônicas de Nárnia*, fala da importância do perdão: “Breve, muito breve, antes que envelheçam, grandes nações em seu mundo serão governadas por tiranos parecidos com a imperatriz Jadis: indiferentes à alegria, à justiça e ao perdão. Avisem seu mundo deste grande perigo”. Note que ele também fala de justiça.

Lewis sempre falava claramente, ou na simbologia de suas histórias, da necessidade de “aceitarmos que fomos perdoados, muito embora nos vejamos como imperdoáveis. Convidando seus leitores a refletir sobre a necessidade de reconhecer as falhas humanas” (McGrath, 2013, p. 113). Wangerin Jr. (2005, p. 160) ainda recordando do seu tempo de infância, nos mostra como a história de Andersen encontrou lugar em seu coração infantil:

Voltamos para a igreja. É isso que devemos fazer para nos livrar do nosso pecado? Será que agora o ritual e a cerimônia nos receberão? Não, não, isso não é suficiente. Pois quando chegamos à porta da igreja, os sapatos vermelhos chegam antes de nós e dançam, dançam para impedir-nos a passagem. Horrorizados, fugimos. Santo Deus! Os pecados insistem em voltar! Que podemos fazer para sermos libertos?

Portanto, educadores e educadoras devem examinar mais detidamente o modo como as narrativas infantis constroem uma ponte direta para o coração da criança. Elas identificam e tratam as emoções infantis, dão asas e abrem portas para elas. “As crianças são influenciadas pelo conto não porque ele defenda racionalmente certos princípios (científicos, morais ou espirituais) mas porque elas se identificam com o personagem” (Wangerin Jr., 2005, p. 149). A vitória do protagonista é a sua vitória, naquele momento, a criança se funde com o herói, e “de fato vivenciam os acontecimentos da história, que imitam na imaginação os difíceis acontecimentos da sua vida” (Wangerin Jr., 2005, p. 149), mostrando a elas, numa linguagem perfeitamente

clara para o entendimento infantil que os acontecimentos de sua vida “também avançam na direção de soluções que sozinhas elas jamais poderiam encontrar” (Wangerin Jr., 2005, p. 149).

As histórias ouvidas na infância fazem eco em toda a vida adulta, os assuntos tratados em narrativas infantis constroem base para as emoções do adulto “pois a história que forma o universo da criança também forma a criança – e por meio da criança, forma o homem que vem depois” (Bettelheim, 2002, p. 79). Também podemos dizer que as histórias que as crianças ouvem na infância ajudam a moldar a religiosidade do adulto que elas se tornarão. E esse é uma das grandes conclusões desse trabalho.

Uma simples história movimenta tantos sentimentos, envolve tantas emoções e constrói tantas bases no coração humano e isso faz do ato de contar história algo muito necessário na infância. Bruno Bettelheim (2002, p. 79) afirma que a estrutura do conto ordena e organiza o insuportável caos vivido pelas crianças. Uma criança que consegue ordenar o caos mental, emocional, familiar ou outro, entrando num ambiente mágico com soluções mágicas, certamente crescerá encontrando caminhos “não-mágicos” mas, de formas miraculosas. Bettelheim (2002, p. 78) diz ainda:

Na linguagem da Bíblia, que expressa os sentimentos e percepções mais profundos do homem era "sem forma". O modo de vencer o caos também é narrado na Bíblia; "Deus separou a luz das trevas". Durante e devido às lutas edípicas, o mundo exterior vem a ter mais significado para a criança, e ela tenta dar um sentido a ele. Ela não admite mais que o modo confuso como enxerga o mundo seja o único possível e apropriado. A maneira pela qual a criança pode botar alguma ordem na sua visão de mundo é classificando tudo de forma maniqueísta.

Por isso as histórias infantis atraem tanto: assim como as crianças, elas classificam o mundo de forma maniqueísta, dividindo personagens entre bons e maus. Polarizando assim, as narrativas permitem que a criança consiga identificar e compreender a diferença entre o bom e o ruim, entre o mal e o bem, e assim rejeitar aquilo que não é bom e não faz bem para ela. Ainda que o que ela deseja rejeitar esteja dentro de si mesma.

Dessa divisão do mundo entre bem e mal e das regras de condutas como boas e más dá-se o início do entendimento da criança sobre o que é moral e o que é imoral. No momento em que a criança começa a refletir se suas atitudes (ou as atitudes do outro) são corretas ou não, ela começa a construir um conjunto de princípios, uma

espécie de código de conduta que respeitará livremente porque considera justo. A criança descobre que atitudes são regidas por muitas ideias, por amor, por compaixão, por interesses, mas também por princípios morais.

Considerações finais

Ficou evidenciado que as declarações de Ellen White a respeito da literatura não podem ser entendidas como condenações irrestritas à ficção em geral, pois sua definição de ficção não corresponde à definição técnica de ficção literária. Vários pesquisadores adventistas chegaram a essa mesma conclusão. Para eles, o problema da literatura não está num gênero literário (a ficção), pois o gênero é moralmente neutro. As obras literárias devem ser julgadas individualmente, caso a caso, em qualquer gênero.

Além disso, ficou claro que as histórias exercem enorme impacto sobre as crianças, em todos os sentidos. As histórias que as crianças ouvem na infância ajudam a moldar a religiosidade da pessoa adulta que elas se tornarão. E isso vale para as histórias bíblicas e seculares. Através da ludicidade das histórias infantis, a criança tem oportunidade de elaborar os mais profundos e complexos conceitos religiosos. A prática pedagógica adventista não deveria descartar esse instrumento tão rapidamente sem uma profunda reflexão.

Concluimos, portanto, que as narrativas infantis se mostram tesouros inestimáveis e um facilitador importante para o desenvolvimento da criança. Por meio das histórias, a criança compreende a realidade que a cerca e aceita o incompreensível, o insondável. As narrativas transportam a criança para um mundo onde podem explorar o miraculoso, renovar sua esperança para a próxima batalha, encontrar armas e aprender a manuseá-las. Professores e professoras da Rede Adventista de Ensino já utilizam narrativas, porém com timidez. É necessário que se use de critérios específicos para a escolha das histórias que serão usadas com os pequenos e pequenas. É preciso ter sensibilidade para compreender onde aquela história poderá levá-los, e mais: é necessário ir junto.

Os educadores que vivem a história junto com o/a pequeno/a ouvinte têm uma chance muito maior de compreender a mágica que envolve o caminho percorrido pelo herói numa história. Essa compreensão traz junto as possíveis e prováveis lições que as crianças extraíram e, portanto, um aproveitamento grandioso do que pensa

ser apenas uma simples história. Educadores devem-se permitir olhar de uma forma diferente para o Universo, “um universo criado pelo poder do amor que é grande demais para ser entendido ou explicado por preceitos e dogmas” (L’Engle, 2005, p. 163), mas que se deixa espiar por debaixo do seu véu, quando se está disposto a viver a aventura do(a) herói/heroína sendo o vilão ou a vilã, ou empunhando a espada e assumindo o posto de herói/heroína.

Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte: a teologia e a sua fala*. São Paulo: Paulinas, 1982.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BORGES, Maria Luiza X. de A (Org.). *Contos de Fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

IECLB, Centro de Elaboração de Material da. *A criança dos quatro aos doze anos: seu corpo, sua mente, seu relacionamento, suas emoções, sua fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1979.

CLOUTEN, Keith. Ellen White and fiction: a closer look. *The Journal of Adventist Education*. p. 10-14, April/May 2014. Disponível em: <<http://circle.adventist.org/files/jae/en/jae201476041005.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2017.

FAGAL, William. *Chronicles of Narnia, Lord of the Rings*. 2002. Disponível em: <ellenwhite.org/content/file/chronicles-narnia-lord-rings-0#document>. Acesso em 31 mar. 2017.

FORTIN, Denis; MOON, Jerry (Eds.). Literature and reading. *The Ellen White Encyclopedia*. Hagarstown: Review and Herald, 2013.

GREGGERSEN, Gabriele. *Pedagogia cristã na obra de C. S. Lewis*. São Paulo: Vida, 2006.

IASD. *Guide to the Teaching of Literature in Seventh-day Adventist Schools*. Washington: General Conference of Seventh-day Adventists, 1971. Disponível em: <<http://ellenwhite.org/content/file/guide-teaching-literature-seventh-day-adventist-schools-df-436#document>>. Acesso em 28 abr. 2017.

KLEIN, Remí. A pergunta sob um novo olhar no processo educativo-religioso. *Interações - cultura e comunidade*, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 318-328, jul./dez. 2013.

LAND, Gary. *Historical Dictionary of the Seventh-Day Adventists*. Lanham: Scarecrow, 2005.

L’ENGLE, Madeleine. George MacDonald: alimento para um mundo particular. In: YANCEY, Philip; SHAPP, James Calvin (Orgs.). *Muito mais que palavras: como os mestres da literatura influenciaram autores cristãos*. São Paulo: Editora Vida, 2005.

LEWIS, Clive S. *A experiência de ler*. Porto: Elemento Sudoeste, 2003.

LEWIS, Clive S. *As crônicas de Nárnia*: volume único. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MCGARRELL, Shirley A. *Differential Perceptions of English Teachers About the Teaching of Literature in Seventh-day Adventist Secondary Schools in Selected Regions of the Caribbean*. Tese (Doutorado), Andrews University, Berrien Springs, 2000. Disponível em: <<http://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1544&context=dissertations>>. Acesso em 23 abr. 2017.

MCGARRELL, Shirley A. Should Adventist academies teach literature? *Journal of Adventist Education*, Oct./Nov. 2002.

MCGRATH, Alister. *A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às Terras de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MONCRIEFF, Scott E. Adventistas e ficção: outra consideração. *Diálogo Universitário*, v. 8, n. 3, 1996.

MOTT, Frank L. *Golden multitudes: the story of best-sellers in the United States*. New York: Macmillan, 1947.

MUTRAN, Munira H. (Org). *Mosaico de história: uma antologia do conto europeu*. São Paulo: Humanitas, 2004.

QUEIROZ, Tamara, AVILA, Marina (Orgs.). *Contos de Fadas em suas versões originais*. Vol. 1. São Caetano do Sul: Editora Wish, 2013.

SILVA, Gladys Angélica Araújo da; SILVEIRA, Luma Carolina de Carvalho. “O que estão lendo nossos jovens?”: uma análise da opinião da Revista Adventista sobre literatura ficcional à luz do Grande Conflito. *Anais da XI Eclesiocom - Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial*. São Paulo, 2016. p. 1-15. Disponível em: <<http://portal.metodista.br/eclesiocom/edicoes-anteriores/2016/arquivos/201coque-estao-lendo-nossos-jovens-201d-uma-analise-da-opinio-da-revista-adventista-sobre-literatura-ficcional-a-luz-do-grande-conflito>>. Acesso em 22 abr. 2017

SNIDER, John D. *Highways to learning: a guide through Bookland*. Washington: Review and Herald, 1951.

STRECK, Gisela Isolde Waechter. A função da família na educação religiosa de crianças e adolescentes. *Estudos Teológicos*, v. 55, n. 1, p. 169-178, jan.\jun. 2015.

SWANSON, Gary. *A lesson from The Narnia Chronicles*. 2005. Disponível em: <<http://archives.adventistreview.org/article/244/archives/issue-2005-1548/a-lesson-from-the-narnia-chronicles>>. Acesso em 18 mar. 2017.

TORRES, Milton. Ellen G. White e a ficção literária. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 9, n. 2, p. 153-162, 2013.

VELEZ-SEPULVEDA, David. *Literature and life: teaching fictional literature in Adventist Higher Education*. Paper apresentado no International Faith and Learning Seminar. Lincoln, 1993. Disponível em: <http://christinthe classroom.org/vol_10/10cc_407-425.htm>. Acesso em 27 mar. 2017.

WALLER, John O. *A Contextual Study of Ellen G. White's Counsel Concerning Fiction*. Paper apresentado no Quadrennial Section Meeting of SDA College English Teachers, La Sierra College, agosto de 1965. Disponível em: <<http://ellenwhite.org/content/file/contextual-study-ellen-g-whites-counsel-concerning-fiction-28-b-2#document>>. Acesso em 17 abr. 2017.

- WALLER, John O. O. Fiction, critical theory, and a graduate criticism course. In: DUNN, R. (Ed.). *Seventh-day Adventists and literature*. Riverside: Loma Linda University, Department of English, 1974.
- WANGERIN JR., Walter. Hans Christian Andersen: a formação do universo da criança. In: YANCEY, Philip; SHAPP, James Calvin (Orgs.). *Muito mais que palavras: como os mestres da literatura influenciaram autores cristãos*. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- WHITE, Ellen G. *A ciência do bom viver*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- WHITE, Ellen G. *Atos dos apóstolos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- WHITE, Ellen G. *Cartas a jovens namorados*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1984.
- WHITE, Ellen G. *Conselhos aos professores, pais e estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- WHITE, Ellen G. *Conselhos sobre educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- WHITE, Ellen G. *O desejado de todas as nações*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- WHITE, Ellen G. *O grande conflito*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- WHITE, Ellen G. *O lar adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990.
- WHITE, Ellen G. *Patriarcas e profetas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- WHITE, Ellen G. *Testemunhos para a igreja*. Vol. 2. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- WHITE, Ellen G. *Testemunhos para a Igreja*. Vol 6. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- WHITE, Ellen G. *Testemunhos para a Igreja*. Vol. 8. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- WOOD, John. The trashy novel revisited: popular fiction in the age of Ellen White. *Spectrum*, n. 7, p. 16-24, 1976.
- YANCEY, Philip. Introdução. In: YANCEY, Philip; SHAPP, James Calvin (Orgs.). *Muito mais que palavras: como os mestres da literatura influenciaram autores cristãos*. São Paulo: Editora Vida, 2005.

¹ Para uma análise histórica da relação entre os adventistas e as obras de ficção, ver Land, 2005, p. 171-175.

² Foi o que demonstrou a tese doutoral de McGarrell (2000).

³ Destacam-se as pesquisas de Waller (1965), Wood (1976), e Snider (1951).

⁴ O texto pode ser visualizado no documento *Elen White and fiction*, disponível em: <<https://www.andrews.edu/~tidwell/407egw.htm>>. Acesso em 21 mar. 2017.

⁵ Mott cita um texto de Hawthorne, um dos maiores escritores do tempo de Ellen White, onde ele se lamenta pela baixa qualidade dos contos populares de sua época, chamando-os de “lixo”.

⁶ “This vicarious experience must be led correctly by a knowledgeable individual with Christian morals and values, or it can lead to undesirable consequences”. Tradução própria.

⁷ É preciso destacar, no entanto, que nesses materiais quase nunca encontramos fábulas, figuras mitológicas, bruxas, dragões, etc. Geralmente são narrativas bíblicas adaptadas, ou histórias com heróis e vilões com alguma lição moral e/ou espiritual.